

## **41º Encontro Anual da ANPOCS**

Colóquio 6 - Marxismo e Ciências Sociais. 100 anos da Revolução Russa

### **BALANÇOS POLÍTICOS DA REVOLUÇÃO RUSSA**

Gonzalo Adrián Rojas<sup>1</sup>

Shimenny Ludmilla Araujo Wanderley<sup>2</sup>

Caxambu  
2017

---

<sup>1</sup> Gonzalo Adrián Rojas. Professor Dr. Ciência Política, Unidade Acadêmica de Ciências Sociais (UACS), Programa do Pós-graduação em Ciência Política (PPGCP) e no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campina Grande, Paraíba. E-mail: [gonzalorojas1969@hotmail.com](mailto:gonzalorojas1969@hotmail.com)

<sup>2</sup> Shimenny Ludmilla Araujo Wanderley. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande (PPGCS/UFCG). E-mail: [shimennyaraujo@yahoo.com.br](mailto:shimennyaraujo@yahoo.com.br)

## Balances políticos da Revolução Russa

### Introdução

Os cem anos da Revolução Russa é um momento ímpar para realizar um balanço político do principal acontecimento do século XX. Para um tema tão relevante e amplo decidimos escolher alguns eixos para apresentar temas polêmicos, mas pertinentes para uma abordagem no campo das ciências sociais.

Para cumprir este objetivo estruturamos o trabalho da seguinte forma: esta breve introdução geral, três partes onde na primeira apresentamos a estratégia bolchevique a partir das lições de outubro de León Trotsky, na segunda criticando as leituras hegemônicas centralmente no campo dos opositores a Revolução Russa, para numa terceira parte entrar no debate de estratégias no interior das próprias esquerdas para finalizar com uma breve conclusão.

O objetivo deste trabalho é enunciar e analisar criticamente este conjunto de leituras sobre a Revolução Russa de outubro de 1917, assim como apresentar possíveis debates de estratégias. Cada um destes temas, devem ser desenvolvidos de forma ampla na sua especificidade. Preferimos construir um trabalho bem mais geral e panorâmico, que permita posteriormente desenvolver trabalhos específicos sobre cada um dos itens abordados.

Na primeira parte tomaremos como ponto de partida as *Teses de Abril* de Vladimir Ilitch Lenin e destacaremos principalmente as *Lições de Outubro* de León Trotsky e em certa medida ¿ *Cómo se armo la revolución ? Escritos Militares*. Diferenciaremos conceitualmente tática e estratégia e sua relação, no sentido de apresentar e reforçar a importância política e atualidade da estratégia bolchevique. Entendendo a questão da estratégia e dos debates de estratégias como um elemento fundamental, já que é o que vai definir o caráter da revolução.

Na segunda parte realizaremos as críticas as leituras da Revolução Russa realizadas pelos seus opositores, um conjunto de lugares comuns no âmbito acadêmico, entre cientistas sociais e historiadores, assim como jornalistas. Frente a estas leituras defenderemos quatro teses. Na primeira tese afirmamos que a Revolução Russa foi uma revolução social e não um golpe de estado; na segunda que os bolcheviques não abortaram um processo no qual havia um desenvolvimento de uma democracia burguesa na Rússia, na terceira que os bolcheviques estavam preocupados pela participação política das massas exploradas e oprimidas e na quarta e última tese que bolchevismo é o contrário do stalinismo.

A terceira parte deste trabalho abordará o debate de estratégias, indo além da necessária polêmica com as ideias das classes dominantes e incorporando este debate de estratégias no interior da própria esquerda, questão que achamos imprescindível no marco de balanços políticos da Revolução Russa, tendo em vista que esta as vezes é apresentada pela própria esquerda como sinônimo de Estatismo e stalinismo, justamente sua contracara, a da contrarrevolução burocrática. Diferenciamos a estratégia bolchevique, marxista revolucionária de outras nove estratégias que agrupamos de forma simplificada em três blocos.

O primeiro bloco serão as distintas estratégias reformistas, o que inclui a pacifista Bersteniana, a Kautskysta também conhecida como “estratégia de desgaste”, a qual deve ser diferenciada da estratégia leninista gramsciana, a experiência reformista de esquerda de Salvador Allende no Chile, sob a ideia do caminho democrático ao socialismo, uma que genericamente denominaremos eurocomunista de esquerda mas que inclui muito mais que isso, além do último Nicos Poulantzas e o último Ernest Mandel, teórico e dirigente do Secretariado Unificado da Quarta Internacional<sup>3</sup> e o Chavismo na Venezuela com sua proposta de socialismo século XXI, expondo que cada uma destas estratégias tem especificidades próprias.

Num segundo bloco diferenciaremos a estratégia bolchevique de outras três estratégias que realizaram revoluções triunfantes e agruparemos genericamente como militaristas. Por um lado, a estratégia maoísta da guerra popular prolongada, em referência ao principal dirigente da segunda Revolução Chinesa de 1949, Mao Tse Tung e a revolução no Vietnã dirigida por Ho Chi Ming. Por outro lado, a estratégia da interpretação oficial da Revolução Cubana, conhecida como “foquista” exposta por Regis Debrais no seu livro *Revolução na Revolução?* na medida em que destacamos que a interpretação oficial do Estado cubano é diferente do processo político histórico real da revolução. A diferenciaremos da Revolução Sandinista, na Nicarágua em 1979, que se tratou de uma experiência tardia de frente popular, a diferença das duas anteriores é que não expropriou de conjunto a burguesia, posto que frações burguesas como a expressa

---

<sup>3</sup> Posteriormente a divisão de 1953 da Quarta Internacional, em que se cristaliza uma cisão entre o Secretariado Internacional e o Comité Internacional fundamentalmente depois do fracasso da política de entrismo nos Partidos Comunistas defendida como estratégia pelo setor maioritário em 1962, os dois setores estabelecem um comitê conjunto para preparar um congresso e uma conferência mundial no ano 1963 que tinha como objetivo a reunificação da IV Internacional. Dessa maneira foi criado o Secretariado Internacional da IV Internacional, com uma nova direção composta por Pierre Franck, Ernest Mandel, Livio Maitan e Joseph Hansen. A unificação entre esses setores e o Socialist Worker Party (SWP) dos Estados Unidos levou a ser conhecido com o nome de Secretariado Unificado da Quarta Internacional (SU-QI).

por Violeta Chamorro, fizeram também parte de uma revolução contra a ditadura dos Somoza, mas que sua direção não tinha a intenção política de avançar num sentido socialista.

No terceiro bloco abordamos as estratégias anarquistas ou autonomistas que mesmo com suas diferenças e especificidades negam a ação política no sentido de luta pelo poder político do Estado. Quando falamos de luta pelo poder do Estado diferenciamos claramente isto desde uma perspectiva revolucionária, bolchevique, que uma luta pelo governo.

Fechamos este trabalho com uma breve conclusão sublinhando a atualidade da estratégia bolchevique.

## **I. León Trotsky e as lições de outubro**

Nosso ponto de partida é centralmente o balanço político realizado por León Trotsky, que junto com Lenin foi um dos principais dirigentes dessa revolução, no livro *Lições de Outubro* escrito em 1924. Também utilizaremos outros dois textos do mencionado revolucionário russo nesta parte do trabalho: *A revolução russa. Conferencia*; mais conhecida como conferencia de Copenhagen pronunciada em 1932 e *Três concepções sobre a Revolução Russa* de agosto de 1939.

Trotsky trata do processo político que culminou na Revolução Russa de outubro de 1917. Incorpora os acontecimentos desde fevereiro de 1917 a fevereiro de 1918. Reconstrói todo o trabalho de preparação da revolução de outubro, a disputa política no interior do Partido Bolchevique e a luta entre as diferentes tendências. Mostra as divergências no interior do mencionado partido no que diz respeito a estratégia, um tema que estava na ordem do dia. Durante todo o transcurso da Revolução Russa, no Comitê Central do partido bolchevique havia uma ala a direita, com a qual Lenin esteve em desacordo em os momentos mais cruciais da revolução. Essa ala defendia uma estratégia de encaminhar a revolução para uma democracia burguesa e, inclusive, mesmo depois da tomada do poder pelos bolcheviques, queria devolver o poder à burguesia e o governo aos reformistas. Trotsky fala de acontecimentos centrais nesse período para entender essas divergências.

Trotsky e Lenin, defendem a ditadura do proletariado apoiado no campesinato, mas sob a hegemonia do proletariado, um elemento central no marxismo. Depois de realizar uma exaustiva periodização no marco do processo político Trotsky estuda as

divergências estratégicas que permitem tirar lições úteis ao conjunto dos partidos da Internacional Comunista.

Como antecipamos na introdução, neste plano recuperar a questão da estratégia é um elemento fundamental, que é o que vai definir o carácter da revolução. Lênin, ainda antes de chegar à Rússia, já se pronunciava contra a política de não tomar o poder através das *Cartas de Longe*, mas essa tarefa decisiva, só foi posta ao Partido Bolchevique depois que Lênin retornou à Rússia, vindo do exílio em abril, isto é, depois da “Revolução Burguesa” de fevereiro. Será na Conferência de Abril do partido onde os bolcheviques definem como socialista o carácter da Revolução, mesmo que as tarefas imediatas sejam democráticas e socialistas e a manutenção por parte dos bolcheviques de uma linha de independência política frente ao governo provisório de Kerensky. Esta posição política é a defendida por Lenin nas *Teses de abril*, enquanto junto com Trotsky lutavam contra o que eles denominam de “defensismo”, contra o reformismo de determinadas tendências do próprio Partido Bolchevique, levantar a necessidade da conquista do poder pelo proletariado e a importância da construção de um partido revolucionário a nível mundial.

Tanto Lenin como Trotsky defendiam que a revolução começa nacionalmente, mas que deve avançar internacionalmente, isso é bem importante, é o que defendem os marxistas revolucionários. Isto significa que a revolução se realiza no interior de uma determinada formação económico-social, mas a perspectiva é a revolução mundial.

Os bolcheviques estavam convencidos que o destino da Revolução Russa dependia do destino da Revolução mundial, inicialmente a revolução na Europa, uma vez que se consolida o triunfo na União de Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), mas é derrotada a Revolução na Europa, na perspectiva que é impossível avançar ao comunismo só num país, os revolucionários russos olham para Oriente a possibilidade de expansão, por isso a importância política que mencionaremos mais à frente na parte de debate de estratégias na esquerda da Primeira Revolução Chinesa em meados dos anos vinte do século passado.

Além disto destacamos que a teoria que elaborará Joseph Stalin conhecida como “socialismo só num país”, é uma elaboração posterior que não tem nada a ver com a tradição marxista revolucionária internacionalista senão com elaborar uma política para a defesa incondicional dos interesses geopolíticos e da casta burocrática que governa a URSS.

Todos estes são elementos importantes do ponto de vista tanto teórico como prático para Trotsky, porque servem de lições para os partidos e para as revoluções futuras.

A perspectiva de Trotsky enfatiza o por que a Revolução Russa deve ser estudada em geral e em particular em termos organizativos e políticos, e neste sentido destacamos que os cem anos da Revolução Russa é um momento chave para realizar um balanço político, no sentido de um debate de estratégias políticas. Trotsky destaca a ausência e a necessidade de uma obra que forneça um quadro geral da revolução de outubro e também do partido. Como parte de uma Internacional, objetiva ensinar as lições de outubro aos proletários de outros países, para isto também é importante a tarefa de reunir todos os documentos, editar todos os materiais e proceder a seu estudo. Uma preocupação teórica, mas também preocupação pela *práxis*, pela ação política.

Sua preocupação central é defender de forma ofensiva todas as lições e conclusões que a classe trabalhadora possam tirar da primeira ocasião em que chega a se apoderar do poder político no nível estatal nacional. Lembramos que a Comuna de Paris, em 1871, foi uma primeira experiência, mas ficou limitada centralmente a uma cidade. A Revolução Russa de outubro de 1917, dirigida pelo Partido Bolchevique, Lenin e Trotsky, se apropria e aprofunda as lições da Comuna de Paris, e das experiências revolucionárias russas de 1905 e fevereiro de 1917.

Neste contexto o debate sobre estratégias é um elemento fundamental. O grande tema que o diferenciava dos chamados "velhos bolcheviques", entre os quais encontramos a Lev Kamenev e Stalin, era a necessidade da tomada do poder político pelo proletariado. Por isso para Trotsky, o estudo dessas divergências permite tirar lições úteis ao conjunto dos partidos da Internacional Comunista (IC).

É crucial diferenciar conceitualmente tática e estratégia, como afirmávamos num artigo publicado *on line* na *Revista Lanzas y Letras*, da Colômbia, que tem como título: *100 años de la revolución rusa. la importancia política de la discusión estratégica*, que realizamos isto a partir do acúmulo dos debates sobre o tema na III Internacional e Trotsky, mas também do fundador do Partido Comunista Italiano (PCI) Antônio Gramsci e de uma análise crítica do general prussiano Carl von Clausewitz, o principal teórico burguês da guerra.

Na perspectiva bolchevique entendemos a tática como a arte de orientar as operações isoladas, a direção dos combates parciais e estratégia como a arte de vencer, ligar os resultados ao objetivo da guerra, a conquista do poder político pelo proletariado

e a instauração de um governo operário, compreendida como afirma Trotsky no *Programa de Transição*, escrito em 1938 como a forma popular da ditadura do proletariado.

Esta diferenciação conceitual entre tática e estratégia realizada por Trotsky, desde um ponto de vista marxista revolucionário, no mencionado livro *Lições de Outubro* é a seguinte:

“Em política, entende-se por tática, por analogia com a ciência da guerra, a arte de orientar operações isoladas; por estratégia, a arte de vencer, isto é, conquistar o poder. Não fazíamos vulgarmente esta distinção antes da guerra, na época da II Internacional, limitando-nos à concepção da tática socialdemocrata. E não era por obra do acaso: a socialdemocracia tinha uma tática parlamentar, sindical, municipal, cooperativa, etc. A questão da combinação de todas as forças e recursos, de todas as armas para alcançar a vitória sobre o inimigo, não se levantava na época da II Internacional, pois esta não fixava como tarefa prática a luta pelo poder. Depois de um longo interregno, a Revolução de 1905 pôs novamente na ordem do dia as questões essenciais, as questões estratégicas da luta proletária, garantindo com isto enormes vantagens aos socialdemocratas revolucionários russos, quer dizer, aos bolcheviques. (TROTSKY, 1979. p. 12)

Depois Trotsky continua articulando a relação entre tática e estratégia afirmando que a primeira está subordinada a segunda.

Em 1917 começa a grande época da estratégia revolucionária, primeiro para a Rússia depois para toda a Europa. É evidente que a estratégia não impede a tática: as questões do movimento sindical, da atividade parlamentar, etc., longe de desaparecerem do nosso campo visual, adquirem agora uma importância diferente, como métodos subordinados da luta combinada pelo poder. A tática está subordinada à estratégia. (TROTSKY, 1979. p. 12)

Para o revolucionário russo, só será possível conseguir este objetivo com independência teórica e política, subordinando a tática à estratégia e criticando a todas as frações da burguesia e seus ideólogos, os que, por diferentes meios, vão querer apagar as conclusões revolucionárias que os trabalhadores possam tirar como legado e apresentar a Revolução Russa de outubro de 1917 como a criadora de todos os males da humanidade.

Apresentaremos a continuação na segunda parte deste trabalho, quatro teses desmistificadoras de um conjunto de falácias recorrentes nas análises sobre a Revolução Russa.

## **II. Quatro teses desmistificadoras de um conjunto de falácias**

Nesta segunda parte do trabalho vamos apresentar quatro teses que polemizam com um conjunto de argumentos recorrentes de cientistas sociais, jornalistas, historiadores e acadêmicos que criticam a Revolução Russa de outubro de 1917, desde o ponto de vista das classes dominantes nos países capitalistas, a partir de argumentos falaciosos.

### **Tese 1. A Revolução Russa foi uma revolução social e não um golpe de Estado**

A Revolução Russa foi uma revolução social e não um golpe de Estado. Em geral se realiza uma comparação entre a revolução de fevereiro de 1917, que seria legítima porque foi espontânea, e a de outubro que não, porque foi planejada até o mais mínimo detalhe.

Este argumento não é novo, mas se repete. A crítica central seria que os trabalhadores só tem direito a se levantar de forma espontânea e desorganizada, o que se crítica é a organização da insurreição, planejada nos seus detalhes, a capacidade do que Friedrich Engels chama a arte da insurreição.

Isto não significa de jeito algum que a estratégia bolchevique seja uma estratégia Blanquista, em referência ao grande revolucionário francês Louis Auguste Blanqui. Se bem que o blanquismo tem como preocupação a organização da insurreição, mas este não leva em consideração as condições objetivas. O marxismo revolucionário destaca a importância do momento insurrecional, mas só pode se obter uma vitória no caso que seja expressão da vontade dos explorados e dos oprimidos.

Destacamos que existiram importantes polêmicas entre Karl Marx com Blanqui e as diferenças que se expressaram na Comuna de Paris (1871) e a delimitação do próprio Lenin desta estratégia no livro *Um passo em frente dois passos atrás*, escrito em maio de 1904, assim na sua polêmica com Rosa Luxemburg no interior do campo revolucionário, mas num artigo de setembro de 1904 que leva quase o mesmo nome *Um passo em frente dois atrás*.



Trotsky, nas suas elaborações em *¿Cómo se armo la revolución? Escritos militares*, quando se refere aos aspectos introdutórios da arte proletária da insurreição socialista, delimita a relação revolução e insurreição e a relação insurreição e conspiração.

Em referência a relação revolução insurreição segundo Trotsky, uma revolução ocorre quando não resta nenhuma outra saída. A insurreição que se ergue por cima da revolução, tal como o ápice em uma cadeia de montanhas exemplifica, não pode ser proclamada arbitrariamente, como tampouco o pode ser a revolução, em seu conjunto. As massas executam repetidos ataques e recuos, até que se resolvam a empreender o assalto decisivo.

Por sua vez, em referência a relação insurreição e conspiração, a conspiração, entendida como iniciativa planejada de uma minoria, em geral é colocada em oposição à insurreição, considerada como um movimento elementar de uma maioria.

Para Trotsky uma insurreição vitoriosa só pode ser o objeto de uma classe, chamada a colocar-se à cumeeira da nação é bem diferente segundo seu significado histórico e seus métodos, pela distância de um abismo, da rebelião impulsionada por conspiradores que atuam por detrás das costas das massas. Esta é a diferença central entre marxismo e blanquismo.

Em essência, toda sociedade de classes esconde tantas contradições em seu interior que resulta possível orquestrar uma conspiração, em meio a suas fissuras. Porém, a experiência histórica demonstra que, mesmo assim, um certo grau de enfermidade da sociedade é indispensável – tal como na Espanha, em Portugal, na América do Sul -, a fim de que a política conspirativa seja permanentemente alimentada. No caso de vitória, uma pura conspiração pode, por si mesmo, produzir tão somente a substituição no poder de camarilhas específicas da mesma classe governante ou ainda menos do que isso: a substituição das figuras do governo.

Até o presente momento histórico, apenas a insurreição de massas proporcionou a vitória de um regime social sobre outro.

Enquanto conspirações periódicas são, frequentemente, apenas a expressão da paralisia e da podridão da sociedade, a insurreição emerge, pelo contrário, como resultado costumeiro de um rápido desenvolvimento precedente que abala o velho equilíbrio da nação.

As “revoluções” crônicas das repúblicas sul-americanas não possuem nada em comum com a revolução permanente: constituem, em certo sentido, muito mais o seu

oposto. Porém, o acima exposto não significa, absolutamente, que a insurreição popular e a conspiração excluam-se uma à outra, sob todas as circunstâncias.

O elemento da conspiração encontra-se, nessa ou naquela medida, quase sempre contido na insurreição. Na medida em que constitui uma etapa historicamente condicionada da revolução, a insurreição de massas nunca é puramente elementar.

O que Trotsky pretende destacar é que pode-se prever e preparar a insurreição de massas, que esta pode ser organizada, de antemão.

Nesse caso, a conspiração submete-se à insurreição, servindo-a, facilitando o curso e acelerando a vitória desta.

Quanto mais o movimento revolucionário se revela elevado, relativamente a seu nível político, tanto mais séria é a sua direção, tanto maior espaço assume a conspiração na insurreição de massas.

Para Trotsky é central entender corretamente a relação existente entre insurreição e conspiração, seja em seu antagonismo, seja em seus aspectos complementares, é tanto mais necessário, uma vez que o uso da palavra “conspiração” adquire, na literatura marxista, um caráter externo contraditório, conforme se trate do empreendimento autônomo de uma minoria dotada de iniciativa ou de uma insurreição da maioria, preparada por uma minoria.

Marx e Engels denominaram de a “A Arte da Insurreição” esta pressupõe: a) uma correta direção conjunta das massas; b) uma orientação elástica nas condições que se modificam; c) um plano de ataque bem refletido; d) precaução na preparação técnica e e) ousadia no golpear.

Neste sentido não é novidade que historiadores e políticos defendam como legítima o que chamam de uma insurreição elementar, sem organização, um movimento de massas que, unificado pela hostilidade contra o velho regime, não possui nem objetivos claros; nem métodos de luta elaborados e nem uma direção que conduza conscientemente à vitória. A insurreição elementar goza do benévolo reconhecimento dos historiadores oficiais – ao menos dos democratas – enquanto mal inevitável. Diferente para Trotsky é a preparação consciente da revolução, o plano, a conspiração.

No caso da Revolução Russa de outubro de 1917 sempre é importante ter uma visão do conjunto do processo, considerando que os bolcheviques eram minoria em fevereiro de 1917 nos sovietes dirigidos pelas alas conciliatórias os mencheviques e os socialistas revolucionários, a chegada de Lenin e a mudança a partir de suas conhecidas *Teses de Abril* onde, como mencionamos, centralmente afirma que Rússia sendo

capitalista o caráter da revolução é socialista e a defesa político-estratégica de não apoiar o governo provisório, se manter firme na independência política, para que o movimento de massas fizesse sua experiência até os bolcheviques se tornarem maioria nos soviets.

No segundo Congresso dos soviets de toda Rússia, os bolcheviques já tinham 390 delegados sobre 650 e quando se inicia a insurreição mais de 500 soviets dos 670 que existiam nacionalmente se pronunciam a favor dela.

Este apoio político foi o que permitiu tanto a tomada do poder político como se manter no poder, tendo que ter também em consideração força dos bolcheviques entre os operários para entender o processo.

## **Tese 2. Os bolcheviques não abortaram um processo no qual havia um desenvolvimento de uma democracia burguesa na Rússia**

Vinculado ao anterior, o argumento refutado na Tese 1, que afirmam que os bolcheviques abortaram uma situação na qual havia um processo de desenvolvimento da democracia burguesa na Rússia para desde o início instalar um regime político autoritário. Um golpe de Estado bolchevique não haveria permitido a consolidação de uma democracia constitucional para ser substituída por um regime autoritário.

Rejeitamos esta afirmação, o próprio Max Weber, um liberal na defensiva, um militante anti-espartaquista<sup>4</sup> e um anti-bolchevique nada neutro, como deixa claro na sua conferência *A política como vocação*, na Universidade de Munich em janeiro de 1919, um verdadeiro insuspeito nos seus *Estudos Políticos* sobre a Rússia, aborda a Revolução Russa de 1905 e expõe as dificuldades do próprio liberalismo, pela fraqueza de sua base econômica e sua política, para construir uma democracia liberal no país dos tzars.

No campo socialista este mesmo argumento é centralmente usado por Karl Kautsky contra os bolcheviques, defendendo centralmente a política dos mencheviques. O socialista tcheco, principal teórico da socialdemocracia alemã, depois de se apresentar como marxista ortodoxo no debate contra Eduard Bernstein, acaba elaborando uma soma de táticas que serão denominadas como “estratégia de desgaste”, aqui só mencionaremos já que desenvolveremos na terceira parte deste trabalho onde analisaremos as diferentes estratégias entre elas esta particular estratégia reformista.

Na Alemanha, um país capitalista desenvolvido, onde esta estratégia moderada triunfa, onde os setores revolucionários são derrotados e seus principais dirigentes

---

<sup>4</sup> Espartaquistas: Grupo político marxista revolucionário alemão dirigido por Karl Liebknecht e Rosa Luxemburg.

assassinados, não teve tampouco como resultado o desenvolvimento de uma república democrática burguesa, senão um regime político com fortes elementos bonapartistas como foi a República de Weimar com uma constituição parlamentar, mas no marco de um regime plebiscitário onde o próprio Presidente poderia, por exemplo, declarar estado de exceção.

Depois das derrotas das tentativas revolucionárias de 1921 e 1923 sem poder resolver os profundos antagonismos de classes, fato levou a chegada do nazismo ao poder.

### **Tese 3. Os bolcheviques estavam preocupados pela participação política das massas exploradas e oprimidas**

Outro argumento comum é que os bolcheviques jamais estiveram preocupados pela participação política das massas exploradas e oprimidas e que desde esta perspectiva os soviets eram para eles meramente instrumentais e que tinham como objetivo desde o início do regime de partido único. Rejeitamos esta ideia.

Os bolcheviques não fetichizavam os soviets, sempre estiveram preocupados por encontrar formas novas que expressem a auto-organização das massas exploradas e oprimidas.

Em relação a seu funcionamento e participação política nos soviets dependendo das menores ou maiores liberdades democráticas conquistadas pelo movimento de massas, os bolcheviques nem sempre foram maioria nos soviets, foram construindo isso no processo e os demais partidos também tiveram iniciativas políticas.

Nos referindo aos mencheviques o papel de Fiódor Dan, como importante dirigente menchevique, Irakli Tsereteli ou a fração dos mencheviques internacionalistas, mesmo com diferenças mantiveram, com diferente sorte, iniciativas políticas, tanto nos soviets no apoio ao governo provisório de Alexander Kerensky, no golpe de Lavr Kornilov e até na participação no pré-parlamento e a Constituinte.

Os socialistas revolucionários<sup>5</sup>, um partido de base no campesinato, se divide durante o processo revolucionário sendo que sua ala esquerda se alia com os bolcheviques.

Importante destacar que durante o golpe de Kornilov os bolcheviques garantiram simultaneamente uma frente única contra o golpe, junto com os principais partidos existentes os mencheviques e os socialistas revolucionários, garantindo sua

---

<sup>5</sup> Em certa forma uma continuidade política, com mediações dos *narodnik* ou populistas russos, dirigidos por Vera Zasulich e que tinham como prática política o “terrorismo” entendido como “ação direta”.

independência política, sem que isso signifique apoio ao governo de Kerensky. O lema central impulsionado por Lenin e Trotsky era apoiar o fúsil sob o ombro de Kerensky contra Kornilov, sem dar apoio algum a seu governo.

Para Lenin se abster nessa situação política seria um erro fatal para a revolução, simplificaria o triunfo da contrarrevolução, mas isso não significaria apoio ou colaboração com o governo da burguesia liberal. O central para o revolucionário russo, expresso em algumas de suas cartas ao Comitê Central, seria evitar cair no conciliacionismo como pretendiam alguns bolcheviques se deixando levar pelos acontecimentos.

Isto tem relação com o fato que o golpe obriga ao governo a conceder espaços de participação democrática e se fortalecem os sovietes como instrumentos de luta, o que será decisivo no momento em que se consolidem como formas políticas do duplo poder, questão necessária para a quebra do Estado burguês e organização política no processo socialista, de transição ao comunismo.

Além da questão histórica destacamos uma questão conceitual. O central é que organismos de duplo poder da classe operária acaudilhando aos setores oprimidos podem cumprir essa função em cada situação política específica, na Rússia foram os sovietes, na Itália de Antônio Gramsci poderiam ser os Conselhos de Fábrica, por exemplo. O importante é saber que organismos expressam o novo poder operário que pode quebrar o Estado burguês. Deste ponto de vista os sovietes não eram só instrumentais para os bolcheviques.

Os sovietes, que utilizam muitos elementos da comuna, são um avanço qualitativo em relação a esta, já não adequado ao governo de uma cidade senão ao poder de Estado em transição num país. A potencialidade dos sovietes se expressaram só em parte na experiência soviética pelos quatro anos de guerra civil interna e os 14 exércitos imperialistas que atacaram a Rússia soviética, vivendo desde o início uma situação emergencial.

Quando Lenin desenvolvia este tema em seu livro *O Estado e a Revolução*, afirma que melhor que escrever sobre a revolução é fazer a revolução, viaja clandestino a Rússia e afirma que depois poderia retomar o tema. A própria dinâmica política da revolução não permitiu retomar a escrita sobre este tema.

O problema político central é que as medidas de restrição da democracia soviética e no interior do partido, que eram emergenciais para poder derrotar a contrarrevolução,

se transformam em “normais” com o stalinismo, de fato nunca se voltou a normalidade de uma democracia soviética.

Como apresentaremos na quarta tese, o stalinismo foi uma contrarrevolução burocrática e não era o caminho único que poderia tomar a revolução. O regime de partido único não era um dos objetivos da revolução. Não era um destino inexorável. Nesse sentido é central o papel exercido pela Oposição de Esquerda na URSS, a Oposição de Esquerda Internacional e posteriormente a IV Internacional e Leon Trotsky.

#### **Tese 4. Bolchevismo é o contrário ao stalinismo**

Nossa quarta tese é que o bolchevismo é um fenômeno político marxista revolucionário, contrário, a contrarrevolução burocrática stalinista. Rejeitamos veementemente usar o bolchevismo como sinônimo de stalinismo. O argumento central de seus detratores é que no bolchevismo estavam os gérmenes do stalinismo, que o bolchevismo é responsável pelo stalinismo.

O próprio Trotsky no seu texto *Bolchevismo e stalinismo. Sobre a questão das raízes teóricas e históricas da IV Internacional*, escrito o 29 de agosto de 1937, rejeita estes argumentos que identificam bolchevismo, Revolução de Outubro e a União Soviética stalinizada. Esta perspectiva elimina um processo histórico muito complexo, conflitivo onde existe luta de forças sociais, e diferencia este processo histórico da evolução abstrata do bolchevismo como corrente política.

“(…) Ainda que estritamente ligada à classe operária, não se identifica com ela. Na URSS, além da classe operária, existem mais de cem milhões de camponeses de diversas nacionalidades; uma herança de opressão, de miséria e de ignorância. O Estado construído pelos bolcheviques reflete não apenas o pensamento e a vontade dos bolcheviques, mas também o nível cultural do país, a composição social da população, a influência do passado bárbaro e do imperialismo mundial não menos bárbaro. Representar o processo da degeneração do Estado soviético como a evolução do bolchevismo puro é ignorar a realidade social, pois considera um único elemento isolado de uma maneira puramente lógica. Basta chamar este erro elementar por seu verdadeiro nome para reduzi-lo a pó (...)” (TROTSKY, 1937).

No caso que do bolchevismo se derivasse de forma automática e natural, numa análise antimarxista, anti-dialéctico, o stalinismo, não poderia explicar o porquê que

Stálin teve que recorrer a uma contrarrevolução burocrática que levou as cadeias e campos de prisioneiros e eliminou a centenas de milhões de revolucionários.

A ideia de contrarrevolução burocrática, expressa um processo que se realizou em diferentes atos, progressivamente, mas como parte de um mesmo processo de consolidação do poder da burocracia. Para ilustrar isto, o sociólogo da Universidade de Buenos Aires (UBA) e da Universidade Nacional de La Plata (UNLP), Christian Castillo acrescenta os seguintes argumentos:

Hay distintos elementos que ilustran esto: del Comité Central que había tomado el poder, del CC de Lenin para el año 1940 sólo estaban vivos Trotsky y Stalin. Todo el resto había muerto, algunos en la guerra civil, muy pocos de muerte natural, la mayoría asesinado por Stalin en los juicios de Moscú que se van a dar en los últimos años de la década del '30. Esa excepción que había sido Trotsky no lo fue por largo tiempo, poco después Stalin lo manda a matar por un sicario en México (...) (CASTILLO, 2007)

Para Trotsky é preciso realizar uma análise concreta da decomposição do Partido Bolchevique e para ele só fizeram isto os próprios bolcheviques e para isso não existiu a necessidade política de romper com os bolcheviques:

“ (...) Pelo contrário, é no arsenal do bolchevismo onde tem sido encontrado todo o necessário para explicar seu processo. A conclusão à qual chegamos é a seguinte: evidentemente o stalinismo “surgiu” do bolchevismo; mas não surgiu de uma maneira lógica, senão dialética; não como sua afirmação revolucionária, mas como sua negação termidoriana. Que não é a mesma coisa. (TROTSKY, 1937)

Frente a isto, a contrarrevolução burocrática, a negação termidoriana, existiram revolucionários de carne e osso que se levantaram e deram a luta até o final. A Oposição de Esquerda, primeiro na Rússia, que teve que resistir nos campos de concentração e sem a qual não se houvesse preservado o melhor das conquistas de outubro. A Oposição de Esquerda, depois se transforma em Oposição de Esquerda Internacional e Trotsky o qual mantém vivo o legado da revolução de outubro e o legado do bolchevismo e funda em 1938 a IV Internacional na França.

Mesmo que não desenvolveremos neste trabalho, é importante mencionar que existiram elementos estruturais, não só políticos no processo de burocratização, de stalinização do regime. Os debates sobre a política econômica nos quais participaram entre outros Nicolai Bukharin, Eugen Preobrazhenski e a própria oposição de esquerda

com sua plataforma industrial, rejeitada por Joseph Stalin e depois aplicada burocraticamente, também contribui junto com os assassinatos, ao próprio esvaziamento da oposição de esquerda na URSS e a consolidação do stalinismo.

O triunfo da revolução num país é uma importante "conquista tática", e deve servir como centro irradiador e alavanca da revolução a nível mundial, que é o objetivo estratégico. Isto é uma concepção irrevogável do marxismo clássico, desde o *Manifesto do Partido Comunista* de Marx e Engels escrito em 1848 e intrinsecamente ligado à Lénin e Trotsky, já que o futuro da revolução internacional subordina o destino da revolução em um determinado país. Essa estratégia marxista se opõe, sendo um combate relevante de Trotsky, pelo vértice a "teoria" do "socialismo num só país" escrita e exposta por Stálin em 1926, o chefe da burocratização grotesca da URSS a partir da morte de Lenin em 1924, sendo a antítese contrarrevolucionária do bolchevismo.

### **III. O debate de estratégias nas esquerdas**

Segundo os autores trabalhados, entendemos a estratégia bolchevique como a tomada do poder político pela classe operária e ditadura do proletariado, entendida como socialismo, um momento histórico de transição entre o capitalismo e o comunismo, no sentido que Marx apresenta na *Crítica do Programa de Gotha*, Lenin no livro *o Estado e a Revolução* ou o mencionado Trotsky nas suas *Lições de Outubro*.

Outras estratégias foram elaboradas e se diferenciam da bolchevique, sejam estas reformistas ou revolucionárias.

No campo do reformismo destacaremos a estratégia pacifista de Eduard Berstein, a mencionada “estratégia de desgaste” de Karl Kautsky, a experiência chilena da via democrática ao socialismo” sob a presidência de Salvador Allende, a eurocomunista de esquerda, defendida por Nicos Poulantzas a partir de uma interpretação parcial de Rosa Luxemburg e posteriormente defendida no central pela corrente de Ernest Mandel, desde o Secretariado Unificado da Quarta Internacional, assim como a proposta do General Hugo Chávez de socialismo século XXI no marco da Revolução Bolivariana na Venezuela.

Também foram realizadas importantes revoluções com outras estratégias, como por exemplo as estratégias militaristas de base campesina, com a qual foi realizada a Segunda Revolução Chinesa em 1949 ou a Revolução Vietnamita, através da estratégia maoísta de guerra popular prolongada ou a Revolução Cubana de 1959, que em 1961 se declara socialista, que na sua leitura oficial, como mencionamos na introdução, se



apresenta como a teoria foquista elaborada por Regis Debray, leitura que diferenciamos do processo histórico real. A Revolução Sandinista na Nicarágua em 1979 é bem diferente também da estratégia bolchevique já que caracterizamos como uma experiência de frente popular tardio armado, expressa pelo setor hegemônico da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), os terceiristas, dirigidos pelos irmãos Daniel e Humberto Ortega.

Além destas podemos mencionar também as estratégias anarquistas ou anarquistas como as autonomistas, que tem em comum a negação da necessidade da ação política entendida como a luta pelo poder político do Estado.

### **As estratégias reformistas**

#### **A estratégia pacifista de Eduard Berstein**

Eduard Berstein, socialdemocrata alemão elabora uma crítica do marxismo em uma série de artigos publicados em primeiro lugar em *Die Neue Ziet*, a revista teórica do Partido Operário Socialdemocrata Alemão (POSAD), dirigido por Karl Kautsky e agrupado com o título genérico de *Los problemas del socialismo*, depois da morte de Engels em 1895. Isto é anterior a seus escritos no livro *Las premisas del socialismo y las tareas de la socialdemocracia*, assim como uma conferência em Amsterdam, Holanda, que tem como título *El revisionismo en la social-democracia*. Uma leitura de conjunto destes escritos nos permite obter uma visão geral do que significou o reformismo de Berstein, diferente de outros reformismos como o de Kautsky ou o socialista francês Jean Juarès assassinado por se opor a Primeira Guerra Mundial.

A estratégia seria pacifista, gradualista e evolucionista, apelando a compreensão e a razão por parte das classes dominantes. Para Berstein, a transição do capitalismo ao socialismo seria como o passo de um barco atravessando a linha equatorial. Hoje estamos no capitalismo amanhã no socialismo de forma pacífica, sem luta de classes.

A classe trabalhadora tem um partido político o POSAD que em cada eleição tem mais votos e uma maior representação política no *Reichstag*, o Parlamento alemão, os socialistas dirigem sindicatos e no campo econômico controlam cooperativas de produção, frente a isto os capitalistas não poderiam opor resistência frente ao poder da classe trabalhadora organizada, entenderiam pela razão que é preciso superar pacificamente o capitalismo. A resposta das classes dominantes foi a Primeira Guerra Mundial com quase vinte milhões de mortos no coração de Europa.

Frente a esta posição será Kautsky que defende nesse momento a ortodoxia marxista no seu livro *La doctrina socialista* assim como Rosa Luxemburg no seu: *Reforma social o Revolução?*

### A “estratégia do desgaste” de Karl Kautsky

Anos depois da crítica a Berstein, Kautsky, eliminando a possibilidade de revolução socialista, elaborará uma nova estratégia reformista que articula uma combinação de táticas como a participação política em eleições e em sindicatos numa estratégia que acaba sendo conhecida como uma “estratégia de desgaste”, retomando o termo utilizado pelo historiador da guerra alemão, Hans Delbrück.

Para Kautsky, o objetivo do proletariado é aspirar que as instituições legislativas mandem sobre as executivas e as judiciais. Se existem dificuldades dever-se-ia apelar ao poder de mobilização das massas para pressionar no marco da institucionalidade burguesa. A tarefa do proletariado não seria, para Kautsky, tomar o poder político para destruir o Estado burguês, mas mudar as relações de força no interior do Estado.

É muito importante diferenciar esta estratégia da leninista gramsciana porque a visão hegemônica do Gramsci stalinizado ou renovado dos Partidos Comunistas, assim como o inofensivo dos acadêmicos em geral, tende a coloca-las de forma isonômica quando são completamente diferentes. Mesmo nas suas elaborações estratégicas de longo prazo Gramsci continua defendendo uma estratégia bolchevique.

Antônio Gramsci, fundador do Partido Comunista da Itália na cidade de Livorno em 1921, depois da derrota da revolução na Europa, mantém uma estratégia política leninista articulando na luta de classes numa estratégia política de longo prazo diferentes formas de luta como a guerra posição e a guerra de manobra.

Nas suas análises das situações, as relações de força, quando se refere aos diferentes momentos destas, afirma que o “último” momento o mais decisivo em geral no enfrentamento entre as classes, é o momento da luta político-militar. Sendo que não renuncia as necessidades da insurreição nem da destruição do Estado burguês, coloca ele numa posição qualitativamente muito diferente e delimitada politicamente de qualquer variante reformista.

Voltando a ilusão da “estratégia de desgaste” kautskiana, esta afirma que participando das eleições, ganhando sindicatos, participando de manifestações de massas, entre outras ações táticas vamos desgastando o poder do inimigo até que chega um momento em que nós poderíamos impor ao poder deste, por isso se conhece como a

“estratégia de desgaste”. Todo aquele que participa e ganha comissões internas num sindicato e participa nas eleições entende que está fazendo parte de uma “estratégia de desgaste”, em termos gerais, mas a experiência histórica mostra o contrário, quem se desgasta é aquele se isto não está vinculado a uma estratégia maior.

Como o demonstrou em seu momento o próprio Kautsky com seu apoio ao imperialismo alemão na Primeira Guerra Mundial, uma guerra inter-imperialista numa época de crises, guerras e revoluções, este caminho leva, mais cedo ou mais tarde, ao que Lenin denominaria a mais completa bancarrota.

Esta estratégia se diferencia claramente da bolchevique já que renunciam a tomada do poder político pelo o proletariado, senão que é uma estratégia parlamentar onde a tarefa do proletariado não seria preparar a insurreição senão fortalecer com seu peso político o Parlamento, aspirando como mencionamos que no marco da divisão burguesa dos poderes os corpos legislativos subordinem aos poderes Executivo e Judiciário.

Estando a tarefa do proletariado para Kautsky, muito longe da tomada do poder político e da destruição do Estado burguês para impor o governo operário, a forma popular da ditadura do proletariado segundo Trotsky no Programa de Transição de 1938.

Esta somatória de táticas de Kautsky, que se converteu em estratégia, é conhecida no campo do marxismo como a "estratégia de desgaste" tentando mudar as relações de força dentro do próprio Estado burguês, pressionando e usando o peso político da classe trabalhadora no interior da democracia burguesa como se esta não tivesse um limite político e estrutural de classe.

### **Allende e a via democrática ao socialismo**

Salvador Allende foi membro do Partido Socialista Chileno e integrante da Unidade Popular, eleito presidente em 1970, na terceira ocasião em que se apresentava. Teve a particularidade na América Latina de elaborar uma estratégia reformista de esquerda que pretendia transcender a sociedade capitalista, sendo eleito democraticamente e nos marcos da institucionalidade burguesa, fruto de uma coalizão de esquerda. A Unidade Popular e seu programa foram assinados pelos seguintes partidos: O Partido Comunista de Chile (PCCh), o Partido Socialista do Chile (PSCh), o Partido Radical (PR), Movimento de Ação Popular Unitário (MAPU), uma cisão “esquerdista” da democracia cristã e a Ação Popular Independente (API), em 17 de dezembro de 1969.

Seu grande objetivo era uma transição democrática, pacífica e pluralista do capitalismo ao socialismo defendendo a institucionalidade. Allende estava convencido

que as instituições que serviram ao regime burguês poderiam ser transformadas, por exemplo o Parlamento em Parlamento do Povo, e confiou até último momento na lealdade das Forças Armadas pensando que respeitariam a Constituição, mas tombaram seu governo em 1973, com o sangrento golpe de Estado do General Augusto Pinochet.

A tentativa de institucionalizar a via política do socialismo foi derrotada pela sua política, mas centralmente pelo peso político do Partido Comunista, que defendendo a política da frente popular e alianças com frações burguesas em todo o processo esteve muitas vezes a direita do Partido Socialista e do próprio Presidente Allende.

Miguel Enríquez, o histórico dirigente do Movimento de Esquerda Revolucionária (MIR), oposição esquerda a Salvador Allende, com uma estratégia guevarista mesmo com elemento da análise de conjuntura trotskistas sintetiza desta forma esta experiência:

“(…) O governo da Unidade Popular foi um governo pequeno-burguês de esquerda, cujo eixo foi aliança do reformismo operário com o reformismo pequeno-burguês.

A política realizada no decorrer de seus três anos foi reformista e caracterizou-se por sua submissão a ordem burguesa e pela sua tentativa de concretizar um projeto de colaboração de classes. (ENRÍQUEZ, 1974).

A análise da política econômica é central porque permite comparar com a estratégia bolchevique, neste caso não temos uma expropriação dos meios de produção e sua socialização. Enríquez continua afirmando:

(…) impulsionou uma política econômica que funcionou fundamentalmente sobre o consumo, e não sobre a propriedade dos meios de produção. (ENRÍQUEZ, 1974).

Esta estratégia da via política ao socialismo, como gostava de denominar Allende, tem elementos kautskianos, mas uma preocupação maior pelo apelo a mobilização de massas e se diferencia claramente da estratégia bolchevique pela ausência de questionamento a toda forma de propriedade burguesa, é uma estratégia legalista e institucionalista. Allende confiou na legalidade, foi conseqüente e deixou um exemplo moral com seu suicídio durante o bombardeio a casa de governo La Moneda, mas a legalidade não respeitou ele.

A situação política revolucionária aberta está expressa numa carta datada o dia 05 de setembro de 1973 onde a Coordenação Provincial dos Cordões Industriais chilenos

escreve ao presidente da Unidade Popular, Salvador Allende, uma semana antes do golpe exigindo medidas urgentes para evitar o golpe e a ditadura militar.

### **A estratégia eurocomunista de esquerda**

Inicialmente esta teoria seria a elaborada pelo último Nicos Poulantzas e aparece de forma explícita no epílogo de seu último livro *Estado poder e socialismo* na sua última parte intitulada *Para um socialismo democrático*, mas tardiamente também vai concordar em termos de estratégia política mais que em termos teóricos, com o trotskista belga, dirigente do Secretariado Unificado da Quarta Internacional (SU-QI), Ernest Mandel.

Centralmente Poulantzas reinterpreta a crítica de Rosa Luxemburg a Lenin e Trotsky no texto da revolucionária polonesa *A Revolução Russa*, para concluir que leninismo é sinônimo de stalinismo. Sendo assim para pensar a possibilidade de um socialismo democrático, supostamente não social democrático, deveríamos em primeiro lugar entender o Estado como uma condensação das relações de força, o Estado como uma relação social e entendendo o outrora estruturalista, que é possível construir relações de força ao Estado, como se já não existisse limite estrutural algum. Sendo assim seria preciso articular a luta institucional com a luta extra-institucional mas no lugar de servir para construir um duplo poder, seria preciso mudar a condensação das relações de força no interior do Estado.

Esta política, anos depois da criticada realizada por Ernest Mandel ao eurocomunismo, acaba sendo adaptada com outra caracterização sobre o Estado pelo SU-QI também.

Desta forma fica diluída nesta estratégia reformista de esquerda a luta pelo poder político do Estado e a necessidade de quebra do Estado burguês.

### **O chavismo e o mito do socialismo do século XXI**

Desde o triunfo eleitoral de Hugo Chávez em 1999, se iniciou uma nova situação política na América Latina que fez ascender um conjunto heterogêneo de governos denominados, em ausência de uma caracterização melhor, de “pós-neoliberais” que foram produto da crise de representação política que o próprio modelo neoliberal gerou. Na atualidade assistimos a um fim de ciclo destes governos “pós-neoliberais” e um giro à direita na superestrutura política do subcontinente.

Nesta parte do trabalho apresentamos alguns argumentos que desenvolvemos melhor num artigo publicado na *Revista Ideias de Izquierda*, escrito junto com o cientista político André Barbieri.

Em comparação com outros países da América Latina, a Venezuela tem elementos no período Chávez do que Trotsky denominou de "Bonapartismos sui generis de esquerda" quando se referia a Lazaro Cárdenas no México nos seus trabalhos que foram agrupados como *Escritos Latino-Americanos*.

Como afirmamos no mencionado artigo para a *Revista Ideias de Izquierda*, as mudanças estruturais foram muito limitadas, a economia venezuelana ficou mais dependente das receitas do petróleo, as exportações deste subiram para o 96% do total aprofundando o modelo rentista petrolero e a reprimarização da economia em termos capitalistas. Mesmo com uma retórica anti-imperialista, não se questiona a divisão internacional e social do trabalho construída pelo imperialismo.

Outras das características desses governos tem sido a sua passivação política do movimento de massas, no caso da Venezuela construído em grande medida e controlado desde o Estado e limitando o direito à greve. As mudanças estão por detrás das realizadas nas experiências nacionalistas burguesas, experiências dos anos 40 e 50 do século XX mesmo nas semicolônias latino-americanas.

Em relação a ideia de socialismo século XXI, esta é muito mais discursiva que conceituada e desde o socialismo científico e a estratégia bolchevique, realizaremos aqui umas poucas observações.

Desde o *Manifesto do Partido Comunista* de Marx e Engels de 1848, o comunismo se define pela abolição total da propriedade privada burguesa, não pela combinação de relações de produção numa determinada formação econômico-social. No caso da Venezuela não mudou o central no Modo de Produção, existiu uma mudança no interior do modelo rentista petrolero, sendo que agora o Estado que continua sendo de classe, burguês no capitalismo e uma boliburguesia, uma burguesia bolivariana, são os que controlam. Existiram mudanças na correlação de forças entre as frações de classes dentro do bloco, continua sendo o mesmo bloco no poder com hegemonia do setor rentista petrolero, com novos atores sociais se apropriando do excedente. Sem questionamento e superação da propriedade privada não temos socialismo na Venezuela.

A segunda observação tem relação com o Estado e os sujeitos políticos da mudança social, posto que as ideias de Marx, Engels e Lenin, assim como a estratégia bolchevique, não tem nada a ver com uma possível mudança gradual do caráter de classe

do Estado desde dentro do próprio Estado. A possibilidade de socialismo, entendida como uma fase de transição ao comunismo, exige a destruição do Estado burguês depois da tomada do poder político pelos trabalhadores e seus aliados e não uma mudança de cima para baixo impulsionada desde o próprio Estado, onde o principal sujeito político são as Forças Armadas apelando uma mobilização de massas, mas controlada desde o Estado.

A última observação que mencionaremos aqui é que é relevante realizar esta análise crítica do chavismo desde uma posição de independência teórica e política, tanto do bloco governante hoje dirigido por Nicolás Maduro, como da oposição de direita da Mesa Unidade Democrática (MUD) que defende até uma intervenção militar imperialista no país.

### **As estratégias militaristas**

#### **Revolução Chinesa: O maoísmo e a guerra popular prolongada**

Quando nos referimos a Revolução Chinesa, dirigida por Mao Tse Tung em 1949, estamos falando da Segunda Revolução Chinesa e sua estratégia conhecida tanto na China como no Vietnã de Ho Chi Ming como a estratégia de guerra popular prolongada.

É preciso lembrar que no final da década de 20, em 1927 e 1928 a China teve insurreições operárias derrotada pela política stalinista.

O Partido Comunista Chinês é de formação tardia, foi fundado em 1921 por Chen Tsu Hiu, e inicialmente um partido que mantinha como estratégia a independência política de qualquer fração burguesa. Desta forma teve um rápido crescimento no movimento operário nas principais cidades. Simultaneamente temos na cena política o Partido Nacional, por denominar de alguma forma ao Kuo Ming Tan, dirigido por Sun Yat Sen, uma liderança nacionalista anti-imperialista.

O processo revolucionário aberto na China em 1919 continua na década de 1920, se abre um processo revolucionário na China. Uma coisa é importante sublinhar, o Partido Comunista Chinês faz parte da Internacional Comunista, esta orienta politicamente, mas não controla automaticamente. Isto é importante para entender a responsabilidade política do stalinismo que orienta o abandono da independência política de classe e o ingresso do Partido Comunista Chinês ao Kuo Ming Tan, se subordinando a sua disciplina e leva ao desastre de 1926/1927. Paralelamente Chan Kai Shek um nacionalista não antiimperialista substitui a Sun Yat Sen. Foi esta política stalinista a que levou a derrota.

Depois das derrotas das insurreições, uma em Canton em 1925 e duas em Shangai em 1926, as tropas de Mao foram atacadas pelas forças nacionalistas, milhares de comunistas são assassinados e iniciam a sua fuga.

Neste contexto, Mao sem romper com a IC elabora uma linha paralela a esta e constrói um partido de base camponesa, em 1931 com suas forças camponesas cria a República Soviética de Juichi, uma zona da China e depois vem o que ficou conhecido como a “Longa Marcha”, que foi como uma fuga frente ao avanço das tropas de Chiang Kai Shek.

Estabelecidos no norte do país, iniciam a política conhecida como guerra popular prolongada, de guerra camponesa, que na verdade é uma estratégia militar de revolução campesina num contexto de guerra e ocupação.

Mao mantém a política stalinista de conciliação de classes, conhecida como a política de frente popular, que na China estaria formada pelo bloco das quatro classes: proletariado, campesinato, pequena burguesia urbana e burguesia nacional. Neste bloco das quatro classes, o sujeito político fundamental é o campesinato.

Segundo Emilio Albamonte:

“Mao sostenía que hay que hacer una revolución agraria que resuelva el problema de la falta de tierra para los campesinos y el hambre, crear un Estado unificado en China, luchando contra el extranjero. Estas tareas deben ser llevadas adelante por las cuatro clases. El proletariado participa en esa lucha como un integrante más en esa lucha contra el extranjero” (ALBAMONTE, 2007).

Esta é uma tática essencialmente militar, continua afirmando Albamonte, para depois apresentar os diferentes momentos nas relações de força em conflito segundo a teoria da guerra popular prolongada de Mao:

“La táctica es esencialmente militar, decía [MAO], si somos más débiles que el enemigo utilizamos el método de guerrilla, dar golpes sorpresa al enemigo y después retirarnos y mezclarnos con la población, Mao decía que el revolucionario debe nadar en el pueblo como el pez debe nadar en el agua. Por eso es la clave la acción de la guerrilla cuando somos débiles. A eso le llamaba etapa de defensiva estratégica. Hay una segunda etapa, cuando logramos construir un ejército de varios cientos de miles, entonces, liberamos sectores del territorio, y empieza una lucha entre los sectores que liberamos y los sectores que domina el imperialismo extranjero o en alianza con los sectores contrarrevolucionarios. A esta la llamaba etapa de equilibrio estratégico. Hay una tercera etapa, la etapa final, donde construimos una fuerza abrumadora con respecto al enemigo, entonces, desde el



campo les ocupamos las ciudades. A esta etapa la llamaba, etapa de ofensiva estratégica. Así fue la revolución China, de esa experiencia tanto Mao como los revolucionarios vietnamitas sacaron la teoría de la guerra popular prolongada. (ALBAMONTE, 2007).

A Segunda Revolução Chinesa é fundamentalmente uma revolução camponesa, mas não poderia haver triunfado se não se articulasse com as greves operárias nas cidades. E pensada como uma revolução por etapas, a diferença da estratégia bolchevique, primeiro uma etapa democrática popular anti-imperialista e em outra etapa separada no tempo a socialista.

Podemos concluir com uma boa síntese geral realizada também por Albamonte:

“la guerra popular prolongada no es un método de revolución proletaria, es un método de lucha nacional cuyo sujeto principal es el campesinado, y que dice que, como subproducto de esa lucha, si vencemos al enemigo, luego el proletariado luchara para hacer la revolución socialista o la revolución proletaria.” (ALBAMONTE, 2007)

Sendo esta luta centralmente militar e através do Exército Vermelho, não existem órgãos de auto-organização das massas, como foram os soviets na Rússia. Quando se faz a revolução é socialista porque expropria o conjunto da propriedade privada burguesa, mas continua com apolítica stalinista, independentemente da linha política paralela elaborada por Mao sem romper, mas já surge como um Estado Operário burocratizado desde o início.

### **Revolução Cubana: O castrismo e o mito da estratégia foquista**

Da mesma forma que a leitura oficial da Revolução Chinesa subordina na análise o papel do proletariado na revolução, a visão oficial da Revolução Cubana é diferente que o processo político que permitiu seu triunfo.

A estratégia seria a do foco guerrilheiro, elaborada e simplificada por Régis Debray, como a forma em que se generalizou o modelo da revolução cubana além de seus mitos, num livro *Revolução na Revolução* e em geral atribuída ao Ernesto “Che” Guevara. Mesmo que para nós é possível fazer algumas diferenciações entre guevarismo e castrismo e entre as teorias de Guevara e a de Debray, neste artigo vamos focar na análise de Debray que foi a forma em que se generalizou o modelo da revolução cubana, além de suas mitificações. Como elementos positivos no guevarismo só mencionaremos uma filosofia da praxis que articula teoria e praxis, a defesa do carácter socialista da revolução

contra a posição de todos os Partidos Comunistas stalinizados, o internacionalismo, o anti-dogmatismo, o papel dos sujeitos políticos na história e a vontade.

Diferenciando a Ernesto “Che” Guevara da burocracia castrista depois de 1968 e das teorias de Régis Debray, Albamonte pondera as qualidades e também os limites do “Che” Guevara:

El “Che” Guevara que se opuso a la política del estalinismo que quería cooptar la revolución y que incluso planteó contra los estalinistas “revolución socialista o caricatura de revolución” tuvo el gran límite de no haber luchado por la democracia soviética en Cuba, por la democracia de los explotados, por los consejos obreros, porque las masas determinen qué se produce y cuánto se produce, qué relación quieren tener con Rusia. Si se hubieran movilizado las masas para conquistar este objetivo, Cuba, no sólo hubiera sido una revolución triunfante en nuestro continente sino que hubiera sido un faro mucho más luminoso para los explotados de América y el mundo (ALBAMONTE, 2007)

A revolução cubana, da mesma forma que a revolução Chinesa, são revoluções camponesas na época do imperialismo. Uma revolução anti-ditatorial em 1959, contra o ditador Fulgêncio Batista, que se faz socialista em 1961 quando já havia se expropriado de conjunto a burguesia, num processo que poderíamos denominar de revolução permanente, contra todas as teorias stalinistas dos Partidos Comunistas que defendiam a revolução por etapas, primeiro uma democrático popular anti-imperialistas dirigida por uma burguesia nacional num país feudal, não semicolonial, para depois e num momento separado no tempo uma revolução socialista depois de desenvolvido o capitalismo. A Revolução Cubana numa ilha que era um dos países mais pobres do Mar do Caribe acaba com essa teoria stalinista, que abre o passo a uma restauração capitalista. A revolução cubana se burocratiza a partir de 1968 quando Fidel Castro se alinha com a URSS frente a uma revolução operária contra o stalinismo, como entendemos que foi a “Primavera de Praga”, onde se exigia aprofundar a democracia operária e não uma restauração capitalista.

Falado isto, centralmente na interpretação oficial da Revolução Cubana, aparecem ausentes as condições objetivas e subjetivas da revolução. Para esta teoria seria possível uma revolução sem crise, sem situação revolucionária, só pela existência de governos impopulares e fome, o que a partir da inevitabilidade da luta armada seria possível criar um foco no campo onde uma vanguarda armada do povo seria o pequeno motor que colocaria em movimento o grande motor das massas como um catalizador político.

O partido revolucionário, central na estratégia bolchevique, está ausente e a revolução baseada num exército, do mesmo jeito que na estratégia maoísta, tampouco desenvolveram organismos de auto-organização das massas como foram os soviets na Rússia. Nesta perspectiva sendo o exército guerrilheiro aquele que toma o poder, em Cuba temos um regime de partido único sustentado também por esse exército.

Como afirma Albamonte:

O hay o no hay condiciones para la revolución. O hay crisis y guerras que puedan desatar la revolución o no las hay. Los revolucionarios no pueden inventar revoluciones, en última instancia es una concepción subjetivista que confía que los revolucionarios pueden crear las condiciones objetivas mediante la propaganda armada para hacer la revolución (ALBAMONTE, 2007)

Em relação com a Revolução Sandinista, na Nicarágua em 1979, como já mencionamos, se tratou de uma experiência tardia de frente popular armado, a diferença das duas anteriores é que não expropriou de conjunto a burguesia, posto que frações burguesas fizeram da luta contra a ditadura dos Somoza. A ausência de independência política do FSLN e as diferenças programáticas que incluía a defesa de uma economia mista, estatal e privada, para manter seus acordos com a socialdemocracia europeia em geral e francesa em particular se diferencia também claramente da estratégia bolchevique

### **Autonomismo e anarquismo**

Existe outra estratégia que poderíamos denominar anarquista o autonomista, as quais se bem tem especificidades, se caracterizam por negar a necessidade da ação política do proletariado, a importância social do Estado socialista, diferente do Estado burguês, mas ainda uma forma de organização política, entendido como instrumento de transição do capitalismo para o comunismo e desta forma renegam a tomada do poder político.

Tem em comum o negar da necessidade da ação política, seja do ponto de vista do sindicalismo revolucionário ou a estratégia autonomista, que considera que a chave é a atuação do movimento social separado de toda discussão pelo poder porque o poder burocratiza e cria uma divisão entre dirigentes e dirigidos, o que inevitavelmente leva a burocracia.

Nesta perspectiva encontramos teóricos como Antonio Negri ou John Holloway com seu livro, *Mudar o mundo sem tomar o poder*, sendo a referência social mais

importante o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) no Estado de Chiapas no México e dirigido pelo Sub- Comandante Marcos.

Existem no mínimo duas divergências desde com a estratégia bolchevique. Em primeiro lugar se nega a necessidade de um período de transição, a ditadura do proletariado, entre o capitalismo e o comunismo. Estas teorias negam ao Estado, mas como Engels falava para os bakuninistas na Espanha, o Estado não se esquece deles, continua reprimindo e reproduzindo as relações sociais capitalistas (além do que, nos processos de revolução e contrarrevolução da década de 30 na Espanha, os anarquistas que "renegavam o Estado" assumem o posto de dóceis ministros burgueses contra os trabalhadores em luta).

Por isto para os bolcheviques era necessário tomar o poder político do Estado para quebrar o aparelho político da burguesia e substituir por formas de auto-organização das massas, mas organizadas politicamente que constituiria uma nova forma de organização política que, na ausência de um termo melhor, Lenin falaria que continuamos denominando Estado mas é um Estado não-Estado que tenderia a acabar com as classes sociais e o próprio Estado, se extinguiria uma vez que deixam de existir as classes e dessa forma as contradições irresolúveis da sociedade.

A crise orgânica do capitalismo desde 2008 e a chegada ao governo de um conjunto heterogêneos de governos denominados como “pós-neoliberais” assim como o processo de cooptação e repressão dos movimentos sociais fez com que estas ideias, tanto teórica como politicamente, perderem muito espaço durante os últimos anos.

Para Trotsky, voltando as *Lições de Outubro*, nada pode substituir o partido revolucionário e na sua ausência o proletariado não pode conquistar o poder através de uma insurreição espontânea.

### **Breve conclusão**

Depois de ter contextualizado minimamente na introdução, de destacar a importância do estudo da Revolução Russa, centralmente em termos organizativos e políticos, de criticar as leituras dominantes seja na academia, nas ciências sociais, na história ou no jornalismo, sobre o principal fenômeno político do século XX e diferenciar a estratégia bolchevique de outras estratégias sejam reformistas, revolucionárias mesmo que militaristas ou anarquistas, fechamos este trabalho sublinhando a atualidade da estratégia bolchevique. Para isto consideramos que é fundamental realizar uma crítica a seus detratores que pretendem manter a ordem dominante, mas também uma crítica ao

stalinismo seu contra cara, a da contrarrevolução burocrática, assim como as diferentes estratégias utilizadas nas revoluções mais importantes do século XX.

Nas trilhas de Trotsky que afirmou que é central o estudo da Revolução Russa em termos organizativos e políticos, assim como na sua estratégia, pretendemos mostrar neste artigo a atualidade da estratégia bolchevique.

### Referencias:

ALBAMONTE, E.; Las distintas estrategias alternativas In **La Verdad Obrera**; 29 nov. 2007. Disponível em: <<http://www.pts.org.ar/Las-distintas-estrategias-alternativas>>. Acesso em: 07 set. 2017.

ALLENDE, S.; La via chilena ao socialismo (del primer mensaje del Presidente Allende ante el Congreso Pleno), 21 de mayo de 1971 In Garces, J. **Chile: el camino político hacia el socialismo**; Barcelona: Ariel; 1972.

BERSTEIN, E.; **Las premisas del socialismo y las tareas de la socialdemocracia; Problemas del socialismo y El revisionismo en la socialdemocracia**; México: Siglo XXI editores; 1982.

CASTILLO, C.; Debates sobre la Revolución Rusa. A propósito de la mitología creada por sus detractores In **La Verdad Obrera**, 06 dez. 2007. Disponível em: <<http://www.pts.org.ar/Debates-sobre-la-historia-de-la-Revolucion-Rusa>>. Acesso em: 24 set. 2017.

\_\_\_\_\_; Bolchevismo e Stalinismo In **La Verdad Obrera**; 06 dez. 2007. Disponível em: <<http://www.pts.org.ar/Bolchevismo-y-Stalinismo>>. Acesso em: 24 set. 2017.

DEBRAY, R.; **Ensayos latinoamericanos**; Buenos Aires: La Rosa Blindada; 1968.

ENRIQUEZ, M.; As causas da derrota (1974) In **O marxismo na América Latina**. Uma antologia de 1909 aos dias atuais. São Paulo: Perseu Abramo; 2003.

GRAMSCI, A.; Caderno 13. (1932-1934) Breves notas sobre a política de Maquiavel In **Cadernos do Cárcere**. Volume 3. Parte 2, e 17. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira 2003.

HOLLOWAY, J.; **Mudar o mundo sem tomar o poder**. O significado da Revolução hoje. São Paulo: Boitempo; 2003.

KAUTSKY, K.; **La doctrina socialista**; Barcelona: Fontamara; 1975.

LENIN, V.I.; **Teses de abril**; São Paulo: Mandacarú; 1990.

\_\_\_\_\_; **O Estado e a Revolução**; São Paulo: Expressão Popular; 2007.

\_\_\_\_\_; **Um passo adiante, dois passos atrás**; Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1946

\_\_\_\_\_; Um passo adiante, dois atrás In **Partido de massas ou Partido de Vanguarda**. Polemica Lenin/Rosa, São Paulo: Ched Editorial, 1981.

\_\_\_\_\_; Cartas de longe In **Teses de Abril e Cartas de longe**; Belo Horizonte: Vega, 1979

LOWY, M.; **O marxismo na América Latina**. Uma antologia de 1909 aos dias atuais. São Paulo: Perseu Abramo; 2003.

LUXEMBURG, R.; **Reforma social ou Revolução?**; São Paulo: Global; 1990.  
\_\_\_\_\_; **A Revolução Russa**; Petrópolis: Vozes; 1991.

MAO, T.; Sobre a guerra prolongada In **Obras Escolhidas**. Volume 2. São Paulo: Alfa-Ômega; 2011.

MARX, Karl. **Crítica ao Programa de Gotha**. São Paulo: Boitempo, 2012.  
\_\_\_\_\_; **A guerra civil na França**. São Paulo: Boitempo; 2007.

MARX, K. ENGELS, F. e LÊNIN, V.I.; **Escritos Militares**. Rio de Janeiro: Global Editora, 1981.

NEGRI, A.; **O poder constituinte**. Ensaio sobre as alternativas da modernidade. Rio de Janeiro: DP&A; 2002.

POULANTZAS, N.; **O Estado, o poder e o socialismo**; São Paulo: Paz e Terra; 2000.

ROJAS, G.; **Os socialistas na Argentina**. Um século de ação política. Tese Doutorado Ciência Política. Universidade de São Paulo; 2006. Disponível em:  
<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-25052007-151218/pt-br.php>>.  
Acesso em: 25 set. 2017.

ROJAS, G e BARBIERI, A.; **Venezuela; A agonia da fabula chavista do socialismo do século XXI** In Ideais de Esquerda. Revista de Política e Cultura. Número 2. Ago./Set. de 2017.

ROJAS, G e WANDERLEY, S.; 2017; 100 años de la revolución rusa. la importancia política de la discusión estratégica In **Lanzas y Letras**. 03 ago. 2017. Disponível em:  
<<http://lanzasy letras.org/2017/08/03/100-anos-de-la-revolucion-rusa-la-importancia-politica-de-la-discusion-estrategica/>>. Acesso em: 07 set. 2017.

TROTSKY, L.; **As Lições de Outubro**; São Paulo: Global; 1979.  
\_\_\_\_\_; **Três concepções sobre a Revolução Russa**; Brasília DF: Centelha Cultural; 2007.  
\_\_\_\_\_; **A revolução russa**. Conferencia; São Paulo: Informação Editora; 1989.  
\_\_\_\_\_; **O Programa de transição**; São Paulo: ISKRA; 2008.  
\_\_\_\_\_; **¿ Cómo se armo la revolución ?**. Escritos militares. Buenos Aires: Ediciones del IPS; 2006.  
\_\_\_\_\_; **Bolchevismo e stalinismo**: sobre as questões das raízes teóricas e históricas da IV Internacional; São Paulo: Icone Centelha Cultural; 2011.  
\_\_\_\_\_; **Escritos Latino-Americanos**; São Paulo: Iskra; 2006.

WEBER, M.; A política como vocação. In **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: Guanabara/Koogan, 1982  
\_\_\_\_\_; **Estudos políticos - Rússia 1905 e 1917**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial; 2004.